

SÓ

O significante?

Representa o sujeito para outro significante.

E o sujeito?

É representado por um significante para outro.

O inconsciente?

É o discurso do Outro.

E do Outro é o desejo.

E o Outro?

O Outro?

O Outro não existe.

Intermitente, como um cartaz de neon, assim imagina Lacan seu sujeito na noite americana. É assim, em todo caso, que o apresenta para seus ouvintes em Baltimore, em 1966. Evanescente. E o eu, que é um mim, de longe parece fixo, mas de perto percebe-se que não cessa de mudar. Flutua, dentro das margens, ao sabor das suas identificações, ou seja, das influências das presenças dos que o rodeiam, traduzidas em figuras. Aonde radica, então, esta sensação minha de identidade e de continuidade no tempo e no espaço?; aonde aquela certeza de "ser mais eu" que a maior parte do tempo me habita? Ali mesmo, no *moi*, sede da consciência, dirão! Onde mais? Mas, o que é o *moi*? Uma imagem virtual de lateralidade invertida e sem costas que me vem desde os espelhos. E a consciência? o que é a consciência?

Ah, ali complicou!

O significado conferido por quem escuta ao que digo? Chamam isso de *ponto de basta*, costura que detém a deriva significante. Sim, mas, *quem dá o ponto que basta*, o que decide o significado do proferimento? O ouvinte, ou

seja, outro que não eu. So *me* resta *submeter-me* (donde "sujeito", paciente) ao significado produzido.

Ora, dir-se-á, pressupomos uma *intenção* de significar algo na origem do movimento de apresentar-me, que se veria sempre ultrapassada pelo resultado. Só que, quando nos perguntamos pelo estatuto de tal intenção, somos remetidos ao "*el que no llora, no mama*", do tango —um organismo preso a suas necessidades mais básicas, prometido a um futuro de "sujeito", ou seja, de servo, já não das precisões mas da linguagem do Outro, com a qual "aprendeu" a indicá-las¹ para outros concretos de quem depende, do modo mais literal.

Sobra o real. Ali não há nada além de um organismo que vive sem mim, ou, melhor, apesar de mim. Lacan diz que goza, como as ostras e como as plantas, isto é, que "sente" e reage (isso reage) em virtude do que experimenta. Inefável. E quando se fala em liberdade é por esse lado que ela é abordada, sob o nome de *separação*. Pelo lado do organismo tomado como objeto, simbólica e imaginariamente, pelo Outro. Quando o alienado consegue servir-se da descoberta de que *ele faz falta*, simbólica e imaginariamente, ao Outro de quem depende, entramos no campo dos usos da liberdade.

Em 1968, contudo, inicia-se uma remodelação radical da noção (não me atrevo a chamá-la de conceito) de *sujeito*, até tal ponto enviesada que poucos se aperceberam do que estava acontecendo, e nenhum deles deu um pio. O mestre não dizia nada (para não levantar a lebre?). A reforma será, senão abandonada, ao menos deixada entre parênteses, para nunca mais ser retomada. Em 1974 já não se toca mais no assunto. Não que não use a palavra. Usa-a o tempo todo, mas no seu sentido lato. Como indicação daquele a quem nos referimos. A pessoa, o indivíduo, o homem, o cidadão, o *serfalante*. Ou bem, como sinônimo abastardado de *eu*, o que enuncia em primeira pessoa. *Parlêtre* ocupará em geral o lugar ausente do sujeito até o fim do Seminário por morte

¹ A dêixis a que se refere Christian no seu trabalho que, no fundo, seria a função primeira e primordial da língua como um todo, não apenas de alguns elementos dela.

do seminarista. Quarenta e quatro anos passados, acho que está na hora de ao menos deixar de fingir que o problema nunca existiu.

A co-definição circular de sujeito e de significante começa a ser seriamente abalada depois da elaboração da lógica do ato analítico, e da proposta de uma fórmula para o final das análises que articulará uma *destituição subjetiva* a um *desser*. Nem ser, nem sujeito, então, no final de uma psicanálise. Esta derrocada do sujeito começa no seminário denominado "De um Outro ao outro", cujo título mesmo indica um Lacan empenhado em tomar ao pé da letra a sua própria definição de significante, como sendo o que representa o sujeito *junto a um outro significante*. O que é mesmo o *outro* significante?, parece perguntar-se.

No ano seguinte, contudo, abandona tal questionamento e instala o segundo significante, plenamente instituído e apelidado de "saber", no lugar da verdade do discurso do psicanalista. A psicanálise consistiria em *tomar o inconsciente pelo avesso*, em pôr o discurso no qual acontecem os efeitos sujeito —dito discurso-do-mestre-e-senhor— de pernas pro ar. Depois disso, elabora-se o conceito de *letra*, com o qual se espera transcender o bom e velho significante, promovido ao estrelato em 1955, quando da leitura do caso Schreber. De certo modo, a letra, que sempre tinha estado ali (ao menos desde o seminário sobre *A Carta Roubada*, de Poe, em 1954), deixa de ser a atriz coadjuvante do significante para tornar-se a diva, eclipsando seu parceiro já envelhecido, que não se resigna por completo a abandonar o palco e sair de cena.

Não o fará, mas terminará seus dias empobrecido e alojado de favor na residência do *Um*. E a casa do *Um* será desde 1970 uma república onde convivem o *Ideal do Eu*, o *Falo*, a imagem especular, o *eu ideal* e o bom e velho *moi*. O nome da república, porque é uma república francesa, é *Maison du Semblant*. Não é pouco, afirmar, depois de décadas de reinado da ordem simbólica, que "o significante [é] o semblante por excelência"! Não a imagem, não o eu, mas o significante: *semblante* por excelência. Mais tarde procurará alojamento ali o convidado mais inesperado de todos: o *objeto a-minúsculo*.

Podem acompanhar a criação desta "república da aparência" no seminário chamado precisamente "*De um discurso que não fosse semblante*". É o seminário que trabalhamos com os colegas cartelandos. Aquele onde Lacan se pergunta o que seria um discurso que não fosse semblante (se houvesse tal). O caso é que não há tal. Esta é, ao menos na minha opinião e leitura, a conclusão. Todo discurso, por ser discurso, é sempre um semblante, incluindo-se o do analista. A diferença em relação aos outros é que este seria *um discurso que se sabe semblante* e opera a partir deste conhecimento.

1971 foi o ano em que se tematiza o "saber do psicanalista". O ano em que se confessa a dolorosa evidência de que faça o que fizer, o Um não tem acesso ao Dois. Lacan dirá a mesma coisa em 1972, mas a propósito do amor: o amante jamais alcança a sua amada. Choca contra o muro da linguagem ou se perde nos desvarios do seu próprio gozo (devidamente imaginarizado). Já o ano de 1973 foi dedicado ao estudo do Um por excelência, o Pai. O sujeito sai de cena de uma vez em 1974, junto com seu cetro, deixando seu lugar aos mais variados "gozos", ao sentido, à vida e à morte, e claro, ao rei do pedaço: o objeto a-minúsculo.

Que'est-ce que le sujet? Ce qui est représenté par un signifiant auprès d'un autre signifiant.

O que é o sujeito? O que é representado por um significante junto a um outro significante.

Em 4 de dezembro de 1968 Lacan disserta sobre a relação entre o significante-representante-do-sujeito e os demais, e conclui que deve ser tratada como um par ordenado, no sentido da teoria dos conjuntos.

(S⇒A)

(S1⇒S2)

Escreve assim: {S1{S1, S2}}

O primeiro significante não encontra o segundo, mas a sua própria *relação* inscrita com ele, *ad infinitum*. O acesso a um S2 positivo e puro se torna cada vez mais problemático.

Ou, talvez haja que tomar esta ideia pelo avesso, e dizer que foi forçado pelos impasses clínicos a abordar o par mínimo como um par ordenado. Em algum momento haveria que conversar sobre o problema clínico a que me refiro: a interpretação não pode não fracassar em fornecer a última palavra sobre o sintoma, e a análise se apresenta como interminável e sem solução pelo lado do simbólico, como já o tinha sido pelo lado do imaginário. Resta o real, mas como abordá-lo se não for pela via da fala? Na primeira aula daquele ano, 13 de novembro de 1968, tinha *escrito* na lousa: "a essência da teoria psicanalítica é *um discurso sem fala* [*parole*]." E o ano seguinte virá a expressar *oralmente*, com todas as letras, se posso me exprimir assim, a sua preferência por um discurso *sem palavras* [*paroles*]. Dois anos antes de interrogar-se sobre um discurso que não fosse semblante.

Um discurso sem fala, porque a fala necessariamente sustenta e alimenta a ilusão de que "há dois"; que os proferimentos de esses-um fazem sentido; que temos acesso ao outro significante (o mesmo que em 1964 era responsável pelo *fading* do sujeito). O que era *mesmo* o outro significante? Em que consiste o significante que responde no Outro ao apelo de significação do falante? Ou por outra, o que acontece, subjetivamente falando, com *esse-dois*? Dominique o descreve como o conjunto de todas as besteiras que tanto levamos a sério durante a análise, mas que nunca terminam de fechar como saber acabado de nós mesmos. O SsS, último refúgio do sujeito, na doutrina lacaniana, é a

miragem de um saber absoluto implícito em nossa fala, do qual terminamos, na melhor das hipóteses, por desistir. Mas não deveria ser por melancolia ou esgotamento!

É por estrutura, em todo caso, que concebemos o famigerado tesouro do significante como Uno (totalidade). A redescoberta infantil feita na análise é que a este *Uno* falta *um*: eu, no caso. Com o que fica demonstrado que o Uno não é tão Uno assim, já que incompleto por minha causa. Por outras palavras, o conjunto de todos os significantes possíveis me envolve como um envelope, e estou no seu centro ocupando um espaço. Se eu saísse, quedaria a minha forma vazia, como a silhueta oca do Frajola na porta fechada, depois que ele a atravessara fugindo do buldogue. O Outro seria como a forma de gesso de uma escultura, depois de retirado o bronze fundido que estava no seu centro².

Lacan foi obrigado, insisto, pela clínica, a repensar a sua definição consagrada de significante e de sujeito, porque a repetição, patente no discurso de todas as análises, pôde ser descrita como "esse-um tentando alcançar esse-dois", sem conseguir atingir nada além de outro esse-um. *Sine die*.

S(S(S(a)))

Em 10 de maio de 1977 Lacan declara, entre suspiros, imagino: "O esse-um *não* representa o sujeito junto ao esse-dois, isto é, junto ao Outro [...] O Inconsciente não passa de uma dedução suposta. Isso não chega a seu destinatário." Esse-um não alcança esse-dois. Isso não chega a seu destinatário. Para quem dissera que uma carta sempre chegava a destino...

Dá pra sentir o drama? Se um significante jamais atinge outro diferente, mas apenas mais um como ele; se a repetição é *mimesis* e não inscreve a menor diferença, então, não se pode falar em representação de sujeito algum. Não há sujeito, simplesmente, no sentido lacaniano e consagrado do termo. Não há sujeito do inconsciente e o inconsciente não é o discurso do Outro, nem

² Christian o disse mais bonito, via Nuno Ramos, "Há uma camada de poeira que recobre as coisas, protegendo-as de nós."

tampouco pode ser considerado um saber, no sentido em que estávamos tão acostumados a pensá-lo, identificado ao significante de índice dois.

"Há *um* [*y a de l'un*], mas não há nada mais. O *um* dialoga sozinho [ou seja, monologa], já que recebe sua própria mensagem sob uma forma invertida."

O *Um* recebe a sua própria mensagem de forma invertida. Como diz Freud: "Quando Paulo me fala de Pedro, aprendo mais de Paulo que de Pedro." Há o traço, a marca, a inscrição —isto seria o *Um*—, mas apenas isso. Já não mais sequer fala-se em significante. Tampouco em letra, note-se. Às vezes me pergunto se esta teorização não reflete a exasperação de Lacan com as estórias sem fim que escutava o dia todo todos os dias e que ele não parava de recortar; a impaciência com a repetição dos que não saem do lugar; com as demandas de 300 pacientes diários, que não poderia escutar mais do que cinco minutos, mesmo querendo.

Continuo lendo: "*l'une de l'une-bévue, celui de y a de l'un*" Traduzo (seguindo Magno): "O *um* do *um-bivisto*, o de há *um*". Muita coisa aqui: não há outro inconsciente que não o equívoco, e ele deve poder ser identificado como tal, isolado, como um traço. A tradução de Magno me parece um achado e segue Lacan de perto: o significante é bífido (o *um* visto de duas maneiras). Não há dois significantes porque o *um* está cindido. *O insabido que sabe do um-bivisto: l'insu que sait de l'une-bévue*. Mas, também, *l'insucces de l'unebévue: o insucesso do umbivisto*. A unidade da marca, que se repete indefinidamente, mostra o insucesso do inconsciente (em alcançar o saber procurado) e o equívoco mostra-se sabedor, desde que possa ser inscrito de algum modo.

Mas vamos até o fim daquele aforismo-título: *é o amor: c'est l'amour*³. *L'insucces de l'unebévue c'est l'amour*. O insucesso do inconsciente é o amor.

³ Deixo de lado o *s'aile à mourre*. Aquela porrinha (não é bem porrinha, que se joga com palitinhos; *la morra*, como se chama em espanha, joga-se com os dedos, mas é o mesmo jogo: parecido com o nosso "par o ímpar") com asas, com a qual ninguém em língua nenhuma soube muito bem o que fazer. Até prova em contrário acho que foi o joycismo de Lacan levado ao extremo. Não quebraria a

Que amor? O da psicanálise, que outro? O amor dito de transferência faz o inconsciente fracassar. Não fosse o amor, o inconsciente seria bem sucedido. Bela questão.

O amor de transferência, que não é um amor puro, consiste na interposição do corpo do analista no caminho da realização do inconsciente do analisante (ou da análise). Lacan segue Platão quando indica o corpo como obstáculo para o amor puro. O filósofo considera o amor realizado na comunhão com a Ideia, não com o corpo. Este último impõe ao amor um limite que não será ultrapassado. Mas isso supõe colocar o amor *puro*, desde sempre identificado com o amor *de deus*⁴, no horizonte da psicanálise. Relativizando o valor, promovido durante anos, do objeto a-minúsculo, o mestre observa que o corpo do amado se interpõe, *infelizmente*, diz, entre o amante e seu objeto de amor. Seria interessante que não se interpusesse, quem sabe?

No escrito sobre Gide, lê-se:

Minha posição é algo mais radical [que a de Freud], já que penso que no plano da fala [...] já existe algo que faz com que o "parceiro" [*partenaire*], *entre aspas*, seja em si mesmo Outro, Outro com maiúscula. Não é o outro, justamente, o parceiro, o *alter*, é o *alius*. Graças a Deus, em latim temos duas palavras para distinguir o outro, o *alter*, em cuja companhia estamos, não é mesmo?, enquanto que o sexo é Outro, *alius*, e a mãe está ali, por dizer assim, como *trompe-l'oeil*. É Outro, digamos, pela estrutura da linguagem. De modo que vossa linguagem corporal..., bem, está claro que está do lado do obstáculo. *O que constitui depois de tudo um dos maiores obstáculos para o amor é justamente o corpo*" p.735

E o que seria um amor puro, esse cujo paradigma nos chega, via Platão, desde o cristianismo católico? Um amor sem recompensa, desinteressado, que comporta a perda do seu objeto, que arruina todo e qualquer prazer e se dirige ao objeto perdido enquanto tal. É mole?

Seria uma piada sugerir este desfecho para a transferência, levar o amor do paciente até o desinteressado, sublime e divino amor puro. *Quero* supor que

cabeça com aquilo, mas estou aberto a sugestões dos exegetas que se habilitarem. Em todo caso, vai aqui uma sugestão, *la morra*, como metáfora do amor, é um jogo no qual ganha quem antecipa o modo como se complementa com seu parceiro, sem que seja possível aplicar um conhecimento prévio do resultado. A regra: ganha quem adivinhar o número somado, até dez, dos dedos próprios com os do parceiro (punho fechado, a *morra* em questão, vale zero).

⁴ Em ambos sentidos do genitivo.

Lacan está dizendo de uma psicanálise que depura o amor das figuras da fantasia, realizando-o *em sua pureza* simbólica. Uma experiência pura do amor. Do amor desencadeado durante a análise (pelo analista?). Realizá-lo conforme o que ele é; deixá-lo ser até as últimas instâncias. Isso excluiria a cama, já que transformar em cama o divã seria um curto-circuito que levaria este amor a um impasse. Realizá-lo conforme o que ele é implica menos em excluir o corpo que em *poder estar ali como um corpo excluído*. Em relação ao amor, o corpo, a carne, o futuro cadáver, constituiriam um problema.

Não sei se o fato de estar com setenta e sete anos influenciava esta desvalorização do corpo e se o teria tratado com tanta descortesia aos quarenta. Quem sabe? Em todo caso, deixar o amor acontecer, agir de modo a que o amor tenha lugar *em seu lugar* termina com a espantosa revelação de que o lugar adequado do amor seria... a alma! E ei-nos de volta num neoplatonismo deslavado. Francamente, não dá para seguir o velho mestre, no fim da sua vida de libertino (isto é um elogio), descartando o corpo como se fosse um jesuita.

Prefiro aquele que apenas quatro anos antes insistia *mais, ainda*; aquele para quem a alma não passava "do que se pensa a respeito do corpo" (p.106) Leio: "a alma [*âme*] é o que se ama [*âme*]" e poderíamos pensar que a homofonia (em francês) serve para sugerir a identidade entre o amor e a alma. Sim, mas "para questionar a existência da alma, [...] para perguntar-se se não é um *efeito do amor*. Tanto assim que, se a alma ama a alma [*si l'âme aime l'âme*], não há sexo na jogada, o sexo não conta. A elaboração de onde deriva [a alma] é homo [*homo*], homossexual, como é claramente legível na história." (p.102). *Homo* aqui no sentido de homem, não de igual. Ou seja, a alma fica confinada à sexuação fálica, como sustentação do narcisismo, em exclusão do *alio*, do Outro (do) sexo.

Já o amor realizando o objeto puro porquanto ausente (Cristo seria o protótipo aqui) seria um passo a ser dado pela teoria do desejo centrada no objeto faltante. O desejo causado por um objeto oculto, do qual Alcibiades, apaixonado por Sócrates, tinha sido o modelo em 1961. O desejo do amante de arrancar-lhe ao amado a joia (*agalma*) que carrega no seu íntimo.

*

Em alemão a tradução do *objectum* latino é ora *Gegenstand*, ora *Objekt*. Me interessa o *Gegenstand* porque engancha *Gegen*, resistir, com *Stand*, do latino *stans*, o que se mantém no lugar, a mesma palavra que usa o inglês, como em *the last stand*, "topar a parada". A psicanálise sempre distinguiu o objetivo do objetal, digamos, o alvo do conhecimento e o do amor. A doutrina lacaniana não usa esta distinção porque Lacan trata do objeto da filosofia que, no seu ensino, aparece sob as espécies da *agalma*, do alvo do amor e do desejo, do a-minúsculo, da causa do desejo, do objeto da fantasia, do amor e do gozo, e, *last but not least*, do objeto parcial (que não é de Freud, como muitos crêm, mas de Lacan, já que Freud falava de amor parcial do objeto)

Em todo caso, objeto é o que se opõe a sujeito, o que lhe faz objeção. E o sujeito, o que é o sujeito afinal? Em lógica, aquilo que afirma ou nega algo. Em filosofia, a substância (*hypokeimenon*, em grego, "aquilo que está por baixo de um objeto, a sua essência"), o ser individual. Na teoria do conhecimento fala-se em "sujeito cognoscente", ou seja, aquele que conhece algo, o sujeito para um objeto. Em psicologia, o eu. Em gramática, o "termo sobre o qual se afirma uma coisa, e com o qual o verbo concorda (p.ex., em *As árvores estão desfolhando*, *as árvores* é o sujeito)".

Entretanto, a bem da verdade, e não só em política, o sujeito é o *submisso*, o submetido, o subordinado. É o Sr. K (o de Kafka, não o de Freud). Isso é o que *subiectum* quer dizer em latim. O que não deixa de ser engraçado porque quando falamos em sujeito nos referimos ao agente, não ao paciente. Falamos de "sujeito do direito" e pensamos no cidadão livre e dono do seu nariz; aquele que tem as rédeas, que toma as decisões, que comanda seu destino e, às vezes, quando se trata de um chefe, de um condutor, o destino dos outros. Mas o "sujeito do direito" nada mais é que o que cai sob o jugo da lei; o que obedece as normas, as regras e as leis. O que está submetido a elas.

No Aulete:

(su.jei.to)

a.

1. Dependente de algo ou alguém: competição sujeita às condições climáticas.

2. Submetido a algo ou alguém; SUBORDINADO: "Dera-se conta da vida das senhoras casadas, igual à da mãe. Sujeitas ao dono..." (Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela*)

3. Passível de algo: viagem sujeita a contratemplos.

4. Obediente, dócil: Está sujeito aos caprichos da filha.

5. Que está naturalmente disposto, inclinado ou habituado a alguma coisa: sujeito à melancolia.

sm.

6. Homem, indivíduo: "Três ou quatro sujeitos ouviram e se aproximaram da janela..." (José Conde, "Como se utilizou Salomão de sua oportunidade?" *in Pensão Riso da Noite*.)

7. Gram.

8. Vassalo, súdito.

9. Jur. O titular de um direito

10. Assunto, matéria, tema.

11. Mús. O tema de uma fuga.

12. Bras. *Nome outrora dado pelos sertanejos aos escravos.*

Nome outrora dado pelos sertanejos aos escravos.

A história, convenhamos, nada mais é que o relato das sucessivas submissões dos homens a todas as figuras eminentes que funcionaram para eles como senhores e mestres. Nascemos para servir, é a nossa condição antropológica. La Boetie, no seu livro fundamental, nos mostra a condição humana quando fala da servidão voluntária. O sujeito é isso, o servo voluntário, o escravo consentido. Senão vejamos: Nas coletividades mais arcaicas era submetido ao Totem. Na cultura grega, à Natureza (*Physis*) cantada pelo *mythos*, antes de sê-lo à Cidade (*Polis*) e à sua Lei (*nomos*), na democracia. Foi submisso ao Deus Pai nos monoteísmos. Serviu ao Rei, na monarquia e ao Povo, na República. Esteve submetido à Raça no Terceiro Reich e à Nação, nos nacionalismos. O experimento russo de 1917 o tornou servo do Proletariado, representado pelo Partido Comunista. Hoje, todos servimos ao Mercado.

A gente só xinga um mestre e senhor (ou um deus) apenas para se jogar aos pés de outro. Nem preciso dizer que os psicanalistas estamos incluídos; basta atentar para a história das nossas instituições. Dany-Robert Dufour joga isso na conta da neotenia humana. O fato, já notado por tantos pensadores, incluindo-se Lacan, de nascermos constitutivamente prematuros. Somos

paridos com as câmaras do coração ainda inacabadas; com um sistema nervoso mielinizado pela metade; com alvéolos pulmonares incipientes; com o crâneo aberto e as circunvoluções cerebrais incompletas; não temos dentes ou pelos e carecemos de unhas que prestem ou de polegar inferior oponível. Precisamos mamar por um ano ou dois e a nossa reprodução não está instintivamente programada.

É neste hiato que se encaixa a Cultura como nossa segunda natureza, tão incontornável quanto a primeira, como os antropólogos não deixam de nos lembrar. O Estádio do espelho não modeliza outra coisa. A teoria da constituição do Eu a partir da imagem que o espelho me projeta *invertida* (erro inevitável que "inscreve toda a vida humana numa linha de ficção"⁵). Idêntica inversão do lado do simbólico: o infante toma as palavras para pensar dos outros do seu entorno, e é por isso que toda criança imagina que os pais lêem seus pensamentos (crença que retorna regressivamente na paranóia).

Em todo caso, falávamos da desvalorização radical de toda significação, e da redução do significante à repetição *ad infinitum* do traço único que nada significa, além da pura presença daquele que o inscreve e que dificilmente podemos ainda chamar de sujeito.

Uma observação (não tão) incidental. Do mesmo jeito que desaproveitamos a riquíssima diferença entre "ser" e "estar" nas nossas exegeses lacanianas em português ou espanhol; também desconsideramos a não menos útil diferença entre *um* e *uno*, puro patrimônio português. O que é uma verdadeira pena, já que facilitaria e esclareceria a leitura e a tradução de neologismos empurrados por Lacan precisamente por carecer desta diferença em francês: *unaire*, *unien* e *un* ou *une*, por exemplo. Menciono isso porque em uma frase como: "Senti falta de você, sabia?", o que se joga em uma frase como essa é a pergunta sobre o que se torna o Outro, tomado como *uno*, ou seja, como uma totalidade, quando eu, a-minúsculo, falto.

Cada vez que soltamos um *esse-um* (assim como se diz, "soltar um pum") esperamos um *esse-dois* que não chega. Cada palavra pede a última, mas

⁵ "O estádio do espelho..."

encontra só mais uma igual a ela. Ao esse-um é prometido um esse-dois que não é entregue. E não é entregue porque não há. Suportamos tal promessa como analistas e por isso Lacan nos chama de escroques. O esse-dois seria a última palavra. A palavra decisiva. Digamo-lo, então, com clareza: Não há saber em posição de verdade. E o destino do amor em psicanálise, o destino do amor durante uma análise, depende da posição do psicanalista em relação à sua própria crença no saber (S2) que não há, nem pode haver.

Brincando sobre Nietzsche, Lacan disse que Deus não estava morto, mas era inconsciente. Outro modo de dizer que a crença em deus é um efeito da estrutura. Em psicanálise nos temos com ela sob as espécies do SsS. Como não seria natural esta crença, se existimos pelo encontro *contingente* de dois seres cuja própria existência é *ab alio* (devida a outrem)? Como não sonhar com um ser que seja *causa sui* (causado por si mesmo) e que exista *a se* (em si) e *per se* (por si mesmo)? Auto-suficiente, não insuficiente como nós. Infinito, não limitado, como nós. Imortal, não perecível como nós. Como não crer, e uma vez acreditando, como não lhe ter pavor e devoção? Freud pensava a religião como a neurose infantil da humanidade. Doença necessária, inevitável, e o que é pior, que se apresenta como um remédio. Ilusão necessária. Resta perguntar se é incurável.

Somos deficitários *onticamente* (a mencionada neotenia humana), e por isso somos sujeitos *a* linguagem (como se diz "sujeito a guincho"). Uma vez embarcados no caminho *obrigado* da fala nos defrontamos a cada palavra com o outro déficit, o *ontológico*. *Manque-à-être*, o chamava Lacan, "falta-para-ser". Nossa saída espontânea é inventarmos um ser bem acabado para uso próprio ou submeter-nos a um de uso coletivo, o deus de plantão em cada momento histórico. Seja como for, devo sempre passar pelo Outro para meu acabamento. O termo "sujeito" é isso. O sujeito não é nem o proprietário de si, nem o titular de não sei quais direitos do homem e do cidadão. Sujeito é o submetido de nascença ao Outro de quem depende, seu criador. Não se pode não acreditar nele.

A outra alternativa, que custa uma fábula e que às vezes não chega uma vida para atingir, é o trabalho de libertação das submissões simbólicas, imaginárias e reais até onde a nossa natureza inacabada permitir. Este era o projeto moderno. Era o projeto das Luzes: atingir alguma autonomia simbólica. É também o da psicanálise. Mas sermos livres é o contrário de estarmos fora da lei ou de fazer o que nos der na telha foda-se-o-outro. Tanto para Freud como para Kant a liberdade diz respeito a como nos posicionamos em relação às nossas determinações. A liberdade, diz Kant, é sermos obedientes à lei que nos demos. Obedecer a lei que eu mesmo me dei. Claro, tudo reside em saber que lei é essa, porque se for a lei de Gerson não é mais a minha lei, mas a lei de um Outro auto-suficiente e sem falta cujo lugar imagino poder ocupar. Já para Freud não sou bem eu quem se dá a lei, a recebo de um outro, ele mesmo inventado por mim sem eu saber.

"No que chamamos a alma", escreve Kant, na *Crítica da Razão Pura*, "tudo está em perpétuo escoamento, exceto talvez, se fizermos absoluta questão, o eu [*Ich*] que só é tão simples porque essa representação é vazia de conteúdo." Não se trata, portanto, do eu cartesiano, que seria uma substância pensante, mas apenas de uma forma vazia, uma pura função lógica que precisamos fazer funcionar, um de cada vez, em nome próprio. A crítica da razão é assim uma obrigação de um homem que se queira livre da sua sujeição simbólica. Liberdade crítica tornada obrigação moral. O psicanalista não questiona isto, apenas reconhece um problema na sua realização: o gozo. O corpo indócil que arruina o projeto.

"Animal sem instinto, o homem para ser tudo o que pode ser precisa da razão. *Ele não tem instinto* [é Kant que escreve, eu grifo] e é preciso que faça para si mesmo seu plano de conduta. Mas, como não é imediatamente capaz disso, já que chega ao mundo em estado selvagem, necessita socorro dos outros."⁶ Ou seja, por chegar inacabado ao mundo precisa de um mestre e senhor [*einen Herren nöthig*].

⁶ Kant Tratado de pedagogia.

Christian lembrou recentemente, numa aula, a alma tripartite dos gregos: *nous, thumos, epithumia*. A razão, que está na cabeça, deve dominar as paixões (amor e cólera) alojadas no coração, assim como também deve submeter a concupiscência, ubicada em algum lugar da barriga, sede do desejo. Paixão vem de *pathos*, e reencontramos a passividade, o padecimento da vítima que não age mas que sofre a ação de outrem (*passio* "o que acontece com", no sentido de "o que há com ele?") , mesmo que este outro esteja no seu íntimo (é a descoberta de Freud)

E Freud, vale lembrar, também tinha uma teoria tripartite da alma ainda que, moderno que era, a denominasse "aparelho da alma". Em todo caso, ele entendia que não havia humanidade se não se passasse do principio primário para o secundário. O recalque seria o fracasso no controle da paixão, mas nunca deixou de pensar que a paixão devia ser controlada, sim, e posta a serviço do eu. Esta era sua diferença, nunca desmentida, com os surrealistas, que pregavam o desencadeamento das paixões e com Romain Rolland, fascinado com o "sentimento oceânico" em que o eu se perde.

RICARDO GOLDENBERG

São Paulo, 4 de agosto de 2012